

CENTRO UNIVERSITÁRIO FAG

ISABELA GROS DAMA

CENTRO DE CULTURA E DE LAZER PARA A CIDADE DE CASCAVEL - PR

**CASCAVEL
2022**

INTRODUÇÃO

O assunto é projeto de arquitetura e, o tema desta pesquisa volta-se para o desenvolvimento de um Centro Cultural e de Lazer para a cidade de Cascavel- PR, que busca implementar a cultura no município, levando em conta a sua importância no cenário comercial, social e cultural da cidade, já que o mesmo conta com um número reduzido de espaços destinados a este fim. Aborda a importância da cultura, e como influencia na formação e desenvolvimento sociocultural do município e propõe a evolução cultural, com o objetivo de integrar a população e oferecer um espaço de entrada no mundo cultural, estudar as artes plásticas, a música e a literatura, além de oferecer um novo ambiente social para a cidade. Procura responder à seguinte pergunta: O conforto ambiental interfere em um Centro de Cultura e Lazer? Como proposta de hipótese a ser debatida teoricamente, propõe-se que o conforto ambiental interfere de maneira expressiva no que se refere ao conforto térmico e lumínico, conforto visual, conforto acústico e ventilação natural, e tendo em vista que sua utilização é voltada para a acomodação de público para prestigiar espetáculos, tais premissas de conforto térmico se destacam com mais relevância, pois se mal aplicadas, a experiência para os usuários é prejudicada.

O objetivo geral é angariar um embasamento teórico para desenvolver um anteprojeto arquitetônico de um centro de cultura e lazer na cidade de Cascavel- PR. O projeto beneficiará o público dos arredores da cidade, trazendo lazer e também conhecimento para todos, voltado também para a arquitetura sensorial. Já os objetivos específicos tem como intuito conceber um artigo científico para embasar um projeto de arquitetura; Pesquisar correlatos; Desenvolver programa de necessidades para embasar projeto de arquitetura de centro cultural; Desenvolver um projeto de arquitetura do centro cultural.

Como marco teórico é importante frisar que os Centros Culturais são tidos como um exemplo de participação, onde são realizadas oficinas de música, canto, arte, contação de histórias e diversos outros tipos de manifestações culturais. Estas proporcionam momentos de descontração, valorização, reconhecimento, prazer e, ao mesmo tempo, conscientizar a população de que indiferente da classe socioeconômica, o lazer é um direito de todos (SILVA, LOPES, XAVIER, 2009).

A análise está calcada na perspectiva dedutiva, pelo método de tabulação para a síntese e organização das ideias analisadas dentro do modo qualitativo. Além disso, são realizadas revisões de bibliografia e pesquisa básica. Desta análise resultou a constatação da hipótese inicial de que o conforto ambiental realmente interfere no meio em que estamos. Para o desenvolvimento e compreensão da proposta, o trabalho será dividido nas seguintes etapas: aprimorar os conhecimentos do tema e fundamentar o referencial teórico, pesquisar em artigos, internet, livros e outros trabalhos de conclusão de curso, aspectos sobre cultura, centros culturais, lazer, desenho universal e soluções referentes ao conforto acústico, térmico e visual que são objetivos da proposta. (LAKATOS, 1992)

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Estão dispostos, nas seis subseções a seguir, os principais conceitos e teorias em que essa pesquisa se baseia. Primeiramente, em “A cultura e sua importância social” discorre-se a respeito deste conteúdo que se torna cada vez mais popular, mostrando um pouco de seu histórico na comunidade.

Em “Centros culturais”, as teorias de diversos profissionais renomados da arquitetura, como Teixeira Coelho e José Luiz dos Santos são expostas para embasar as discussões adjacentes. Em “Desenho Universal”, é discorrido sobre produtos a serem criados para a utilização de todos os públicos, pelas arquitetas teóricas Maria Cristina Bittencourt e Silvana Cambiaghi.

Em “Lazer”, as teorias de diversos profissionais renomados da arquitetura, como Teixeira Coelho e José Luiz dos Santos são expostas para embasar as discussões adjacentes. Em “Arquitetura Sensorial”, é discorrido sobre assuntos como a iluminação, as cores, o tato e a audição influenciam no bem estar, pelas arquitetas teóricas Maria Cristina Bittencourt e Silvana Cambiaghi.

Já em “Desenho Universal”, trata-se do entendimento de teóricos da arquitetura que discorrem sobre as sensações transmitidas por uma obra arquitetônica, dentre eles, Cambiaghi e Bittencourt.

Em “Conforto ambiental”, trata-se do conjunto de condições ambientais adequadas que proporcionam ao homem seu bem estar, entre elas o conforto térmico e lumínico, o conforto visual e o conforto acústico.

Por fim, o tópico “Como o conforto ambiental influencia na arquitetura” que aborda a importância de um ambiente bem planejado para o bem estar e saúde do homem.

1.2 A CULTURA E SUA IMPORTÂNCIA SOCIAL

Como primórdio para identificar a importância da cultura no meio social, é indispensável compreender teoricamente o que caracteriza cultura.

De modo simplificado, a cultura diz respeito às práticas, costumes e vivências de um determinado povo. Segundo Santos (1996), ao se discutir sobre cultura tem-se em mente a riqueza e a variedade de formas de existência.

Desde o século passado, há interesses sistemáticos em estudar e discutir as culturas humanas. Entretanto, toda essa preocupação não resultou em uma definição clara e aceita por todos. (SANTOS, 1996) Assim, compreende-se que “em sua conceituação mais ampla, cultura remete à ideia de uma forma que caracteriza o modo de vida de uma comunidade em seu aspecto global, totalizante.” (COELHO, 1997, p.102)

Para COELHO (1997), cultura aponta para atividades determinadas do ser humano que, no entanto, não se restringem às tradicionais (literatura, pintura, cinema - em suma, as que se apresentam sob uma forma estética) mas se expande a uma rede de significações ou linguagens, incluindo tanto a cultura popular (carnaval, folclore), como a publicidade, a moda, o comportamento, a festa, o consumo e o estar-junto.

Analisando os elementos acima, percebe-se que a cultura é uma preocupação contemporânea em entender os muitos caminhos que conduziram os grupos humanos às relações presentes e suas perspectivas acerca do futuro. Entretanto é necessário, então, entender o conceito de um centro cultural para aplicá-lo na sociedade.

1.3 CENTROS CULTURAIS

O centro de cultura é uma instituição que “deve permitir a concretização das ações básicas: informar, discutir e criar” (MILANESI, 1997, P.197). No entanto, definir com clareza o que é um centro cultural não é uma tarefa fácil, como aponta NEVES (2013):

Não existe um modelo para centro cultural, mas sim uma ampla base que permite diferenciá-lo de qualquer outro edifício (um supermercado, um shopping, uma academia, [...]) possibilitando a discussão e a prática de criar novos produtos culturais. Porém, pode-se ressaltar que, qualquer hall de banco ou shopping é chamado de centro cultural ou corredor cultural e , qualquer antessala é considerada uma galeria. Mas, quem entra num centro cultural deve viver experiências significativas e rever a si próprio e suas relações com os demais. (NEVES, 2013, p.3).

Este tipo de construção deve estabelecer laços com a comunidade e os acontecimentos locais, atuando como um equipamento informacional, no qual proporciona cultura para os diversos grupos sociais, com o objetivo de promover a interação entre eles. (NEVES, 2013)

Contudo, observa-se muitas vezes que o Centro Cultural pode ter sua definição associada a seu uso, ou seja, as atividades às quais ele se propõe a desenvolver. Estas variam entre prestação de serviços especializados, como também de múltiplos usos, proporcionando opções como: consultas, leitura em biblioteca, realização de oficinas, exibição de filmes e vídeos, audição musical, apresentações de espetáculos, aulas de danças, dentre outras práticas, tornando-se um espaço que acolhe diversas expressões a ponto de oferecer uma circulação dinâmica da cultura. (NEVES, 2013, p.2)

Como consequência, é perceptível a proliferação de centros culturais como um elemento de status, identificado como civilidade, principalmente por órgãos públicos, que enxergam nestas construções, uma maneira de construir uma imagem emblemática das cidades. (NEVES, 2013) “em função disso, normalmente, a preocupação maior está voltada para a forma do edifício e menos para a sua funcionalidade, assim, inclina-se para o discurso de cidade culta”. (NEVES, 2013, p.2)

Não é atoa que a arquitetura torna-se exuberante quando projeta obras ligadas à esfera cultural. O caráter monumental diz que a própria beleza é um discurso ligado à Cultura como posse. Um centro cultural feio seria uma contradição. Tudo isso leva a apontar para a supremacia do caráter formal dos prédios que proliferam com essa denominação sobre a sua própria razão de existir. (MILANESI, 1997, p. 71)

A construção de centros culturais, é uma das várias medidas adotadas pelos governantes para difundir a imagem das cidades no mundo globalizado. O marketing urbano, possibilita identificar as profundas conexões existentes entre os campos da cultura, da comunicação e da política, que atuam na cidade para tornar hegemônicas determinadas leituras do espaço. Essa junção é operada pelos meios de comunicação e informação, que por desempenharem a função de veículos de construção ideológica em massa, atuam como acelerados culturais, definindo e revelando traços do espírito da época a ser seguido. (SÁNCHEZ, 2010)

Como resultado, o espetáculo gerado em torno das cidades, promovido pelas elites políticas e econômicas, busca corrigir as percepções negativas associadas à imagem urbana, a partir de esforços que se limitam a criar imagens estereotipadas, de modo seletivo, de determinados espaços urbanos, refletindo uma visão particular da sociedade, fragmentada, distorcida, simplificada e , conseqüentemente, excludente. (SÁNCHEZ, 2010.)

1.4 DESENHO UNIVERSAL

O conceito de Desenho Universal está relacionado à ideia de que todo ambiente, objeto e produto criado possa ser utilizado pelo maior número de pessoas possível, independentemente de suas características e/ou limitações físicas. (CAMBIAGHI, 2012)

Ao longo da história da humanidade, o ser humano foi modificando o meio natural, visando obter espaços que se enquadram aos seus usos. Assim também o fez com as cidades, as casas e os objetos. No caso das construções, para que um ambiente seja considerado confortável é importante que ele se adeque às necessidades dos usuários. Caso ocorra o contrário, ele pode tornar-se mais inóspito que o meio cultural. (CAMBIAGHI, 2012)

Por isso, é importante que os profissionais ligados às áreas de arquitetura, urbanismo, engenharia e design, considerem, durante o processo de concepção projetual, a diversidade dos usuários no que diz respeito ao sexo, a idade, a cultura, as dimensões, dentre outras características que, se ignoradas, podem limitar o conforto dos espaços a uma parcela reduzida da população. (CAMBIAGHI, 2012)

Nesse sentido, o Desenho Universal pode ser compreendido como um processo muito importante, que visa elaborar a melhor solução possível no que diz respeito ao uso do ambiente e de produtos, considerando para isso, o contexto físico, social e econômico no qual o problema está inserido. Este processo ultrapassa o ato de solucionar um problema com recursos tecnológicos, ele proporciona a garantia dos direitos dos cidadãos por meio do estabelecimento do acesso e criação de oportunidades nos âmbitos do trabalho, educação, saúde, dentre outras práticas. (BITTENCOURT, 2002)

1.5 LAZER

Hoje, com a agitação do dia-a-dia, todos necessitam de momentos de lazer, e eles podem ser desfrutados em diversos espaços públicos, como parques e praças, e também em centros culturais. Os espaços públicos se tornam cada vez mais importantes no desenvolvimento sustentável de uma cidade, mostrando-se essenciais em seu planejamento para o alcance da relativa melhora na qualidade de vida de seus habitantes. (LAMBERTS, DUTRA E PEREIRA. 2004)

As necessidades humanas fundamentais podem ser satisfeitas de diferentes maneiras e dizem respeito a âmbitos distintos, podendo ser dimensionadas nas seguintes categorias: subsistência, proteção, afeto, entendimento, participação, criação, identidade, liberdade e lazer. O que significa, pois, compreender o lazer como uma necessidade humana?

Como destaca Gomes e Faria (2005), o lazer integra o campo das práticas humanas e pode ser visto como um emaranhado de sentidos e significados dialeticamente partilhados nas construções subjetivas e objetivas dos sujeitos, em diferentes contextos de práticas culturais, sociais e educativas. Assim, o lazer participa da complexa trama histórico-social própria de cada realidade, representa um dos fios tecidos, culturalmente, na rede humana de significados, símbolos e significados.

Em face dessas considerações, o lazer pode ser compreendido como uma necessidade humana e como dimensão da cultura caracterizada pela vivência lúdica de manifestações culturais no tempo/espaço social (GOMES, 2011), e para entendermos mais sobre essa questão, é essencial sabermos quais sentidos despertam essa sensação na sociedade.

1.6 ARQUITETURA SENSORIAL

Através dos sentidos é possível captar as informações sensoriais presentes no espaço. Após receber um estímulo, o corpo absorve-o e interpreta-o. Este processo é chamado de percepção e se manifesta de forma diferente para cada pessoa (GAMBOIAS, 2013 p. 39).

As características do espaço arquitetônico, tais como a escala, a materialidade, o programa e a formalidade, promovem intencional ou inconscientemente a fruição sensorial do usuário, condicionando a percepção do espaço. Analisando isto, entende-se que a sensação é a resposta imediata dos órgãos sensoriais perante um estímulo, sendo os receptores sensoriais os olhos, os ouvidos, o nariz, a boca e a pele. Entretanto, as reações físicas despertam também as reações psicológicas, onde a arquitetura, neste caso, passa a funcionar como o estímulo de todas as sensações (CRUNELLE, 2001, pg. 5 apud LOURENÇO, 2016, pg. 29).

De acordo com Marc Cesario em *Perception / Architecture / Urbain* (2014), a arquitetura desde os primórdios da história trata o homem sendo o centro, como fonte de criatividade e de investigação, pois a arquitetura em primeiro momento existe para lhe servir. Portanto, a relação entre ambos é essencial, mesmo que não seja apenas a arquitetura a “proporcionar” algo a quem dela usufrui. O homem dá à arquitetura dimensão e forma, através da escala, do programa e dos seus usos.

Partindo disso o espaço recebe a sua identidade, assim como uma casa que recebe os seus habitantes, pois quando ainda vazia, a percepção do espaço não tem identidade, é sem vida: só se torna um espaço arquitetônico aquele que é vivido pelo homem. (YOUNÈS & BOUNNAUD, 2014, pg. 67, apud LOURENÇO, 2016, pg. 23). Cada experiência na arquitetura é multissensorial: o espaço, a escala e seu significado são igualmente medidos pelos olhos, ouvidos, nariz, pele, língua, ossos e músculos.

Nesse aspecto, o autor Modesto Farina (1990) explica que os estímulos visuais possuem características próprias como tamanho, proximidade, iluminação e cor -, sendo importante o conhecimento dessas propriedades para entender as mensagens que o cérebro envia para o nosso corpo. Por envolver de imediato as nossas percepções sensoriais a arquitetura torna-se a arte mais completa de todas. A passagem do tempo pela arquitetura transforma os elementos que dela fazem parte, tais como os materiais, a luz, a sombra, a cor e a água, criando uma explosão de experiências e sentidos inteligíveis ao homem (GUARDADO, 2013, pg. 55)

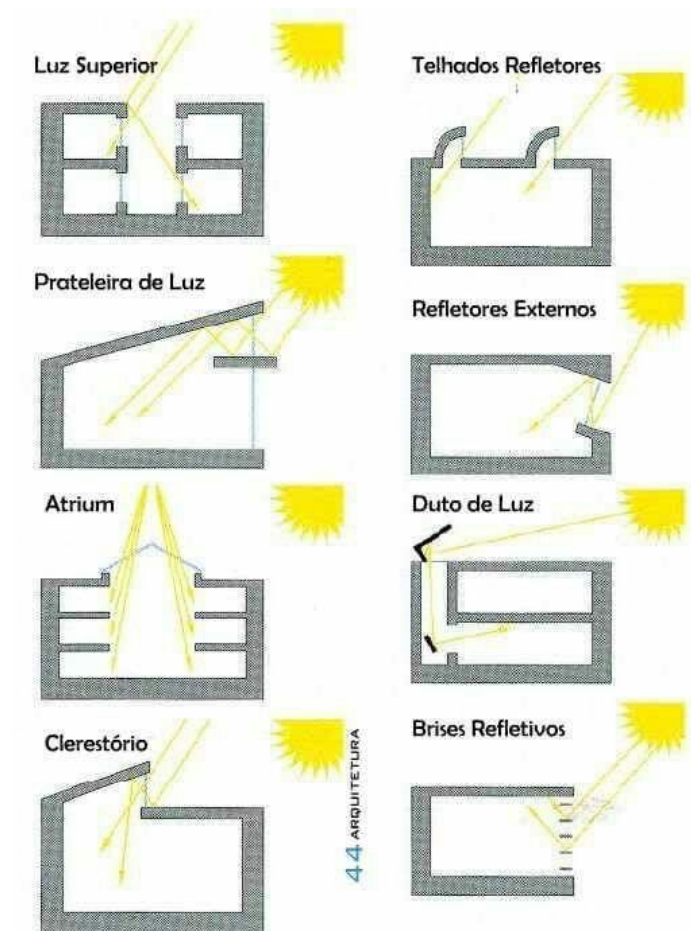
São diversas as sensações que a arquitetura pode transmitir ao observador. Em função disso, este tópico está dividido entre “Iluminação”, “Cores”, “Tato” e “Audição”, englobando o número mais significativo de conceitos acerca do tema.

1.6.1 Iluminação

A iluminação é necessária para que a matéria do espaço se torne visível. Ver e perceber o espaço ou o vazio, visualizar componentes individuais, um conjunto de formas ou do todo, só acontece de fato em função da existência do fenômeno da luz. No século XXI muitos desprezam o recurso da iluminação natural, uma vez que parece mais fácil controlar a luz de modo artificial. Porém, a iluminação natural é muito importante para os espaços vivenciados de um espaço, se aliado às estratégias de iluminação natural e artificial, faz a

arquitetura transcender a teoria, enaltecendo a arte, tornando-se um meio comunicativo no contexto onde se insere (COSTA, 2013, pg. 4)

Imagem: iluminação natural



Fonte: Pinterest

Segundo Rasmussen (2002, pg. 193), a iluminação além de matéria comunicativa, traz inúmeras sensações, é de extrema importância para que possamos sentir a arquitetura. A luz cria relações entre as dimensões reais e as perceptivas, criando a forma espacial figurativa e a transposição do ambiente interno e externo (COLIN, 2000. p.60).

No mesmo pensamento, Bruand (2010, pg. 12) cita Le Corbusier e seu método de projeto, onde fazia a abertura dos edifícios para o exterior, proporcionando a entrada de iluminação natural e o contato com a natureza.

No interior de um edifício, se aplicada, a luz natural pode melhorar profundamente a obtenção de qualidade e quantidade, diminuindo consideravelmente os índices térmicos, evitando problemas como ofuscamento e contraste. Dispõe ainda de diferentes efeitos estimulantes e variações de cores ao longo do dia, proporcionando múltiplas percepções dos espaços. Estratégias de iluminação natural são capazes de potenciar ganhos e perdas térmicas através dos vãos envidraçados e diminuir relativamente o consumo energético do edifício, durante o dia, chegando a extinguir a iluminação artificial (COSTA, 2013, pg. 63). Assim, a seguir, encontram-se os conceitos das percepções das cores na arquitetura para os alguns teóricos

1.6.2 Cores

Essa manifestação psicológica age no processo de criação do espaço, e torna-se responsável pela alteração de humor das pessoas que trabalham em um determinado ambiente ou que vivenciam ele. De acordo com Gurgel (2005, pg.61) as cores atuam em nosso subconsciente, trazendo de nossa memória determinadas sensações que influenciam o nosso estado de espírito.

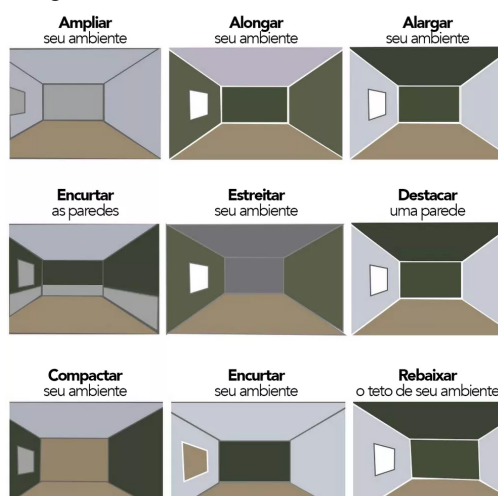
As cores podem interferir, tanto em caráter fisiológico como psicológico no ser humano, elas intervêm no cotidiano, criando alegria ou tristeza, exaltação ou depressão, atividade ou passividade, calor ou frio, equilíbrio ou desequilíbrio, ordem ou desordem, etc. As cores são capazes de transmitir sensações e reflexos sensoriais importantes, porque cada uma delas tem uma vibração determinada em nossos sentidos e pode atuar como estimulante ou perturbador no emocional (FARINA, 2006, pg. 2).

Corretamente usada, determinada cor pode expressar o caráter de um edifício e o espírito que este pretende transmitir, podendo ser claro e alegre, indicando festividade e recreação, um outro pode ter um ar austero, e eficiente, sugerindo trabalho e concentração, mas para os diferentes tipos de edifícios existem diferentes tipos de cores (RASMUSSEN, 2002, pg. 226).

A arquitetura, ao utilizar-se das cores como ferramentas de projeto, busca influenciar os fenômenos que acontecem no uso do espaço pelos usuários, afinal, pessoas de diferentes culturas respondem de maneiras diversas, física e psicologicamente, às cores, formas e texturas empregadas. (GURGEL, 2005, pg. 60-61)

Segundo Farina (2006, pg. 15-91) a cor permite criar um espaço, ela é um elemento sensorial, que além de atuar sobre a emotividade humana, produz diversas sensações, determinadas cores traduzem a proximidade, outras a distância. Ao estudar as teorias das cores, todas as experiências comprovam o quão benéfico pode ser o uso da cor em terapias ou a importância de não usar determinadas cores quando se deseja evitar certos efeitos psíquicos ou fisiológicos.

Imagem: Efeitos visuais das cores.



Fonte: G1 Globo

A percepção da cor está diretamente ligada à subjetividade de cada indivíduo e ela manifesta-se nas pessoas de maneira diferente, pois, nem todas as pessoas conseguem "ver" todas as cores, alguns não conseguem distinguir umas das outras. As cores exercem grande influência sobre a vida humana, de certo modo, elas sempre estarão participando do dia a dia. (PAIVA, 2008, pg. 69-73)

Dessa forma, percebe-se a importância do sentido da visão na arquitetura. Entretanto, conforme apontado nesta subseção, a visão não deve ser estimulada individualmente, sendo necessário que outros tipos de percepção sejam despertados, como o tato, assunto seguinte.

1.6.3 Tato

O tato e as texturas também são de extrema importância em uma obra arquitetônica. Pallasmaa e Gamboias discorrem a respeito deste modo de percepção.

O tato é o sentido que permite o acesso à informação tridimensional de corpos materiais tornando a visão real e revelando informações sobre a textura, o peso, a densidade e a temperatura. De acordo com Pallasmaa (2011, pg. 10) Todos os sentidos, até mesmo a visão, são extensões do tato. Os sentidos são particularizações da pele, e todas as experiências sensoriais são decorrentes e variantes do tato, estando diretamente relacionadas à taticidade. Sendo considerado o maior órgão do corpo humano, a pele em todos os seus pontos têm a capacidade de sentir (GAMBOIAS, 2013 p. 23).

O tato é o modo sensorial que integra nossa experiência de mundo com nossa individualidade. Através do tato o indivíduo consegue lembrar quem é, e onde se localiza no mundo. É ele o responsável pela conexão com o tempo e a tradição, através das impressões de toque, os apertos de mãos de incontáveis gerações. Quando um seixo rolado polido pelas ondas causa prazer para as mãos, não é apenas por sua forma suave, mas pela expressão de um lento processo ocorrido em sua formação; um seixo perfeito na palma da mão materializa a duração, é o tempo que foi transformado em forma (PALLASMAA, 2011, pg. 11 - 55).

Abbud (2006, pg. 17) no mesmo princípio diz que o tato necessita do contato direto com os elementos naturais, de modo que perceba se sua temperatura e textura, é através do tato que o homem sente o calor do sol, a frescura da sombra e outras sensações. As texturas dos materiais de um edifício podem guiar pessoas portadoras de necessidades especiais, podem instigar ao toque, podem guiar um caminho cheio de surpresas, assim como podem mostrar diferentes possibilidades e texturas. O tato é contato direto do edifício com a pele do usuário, é a forma com que a arquitetura torna-se palpável.

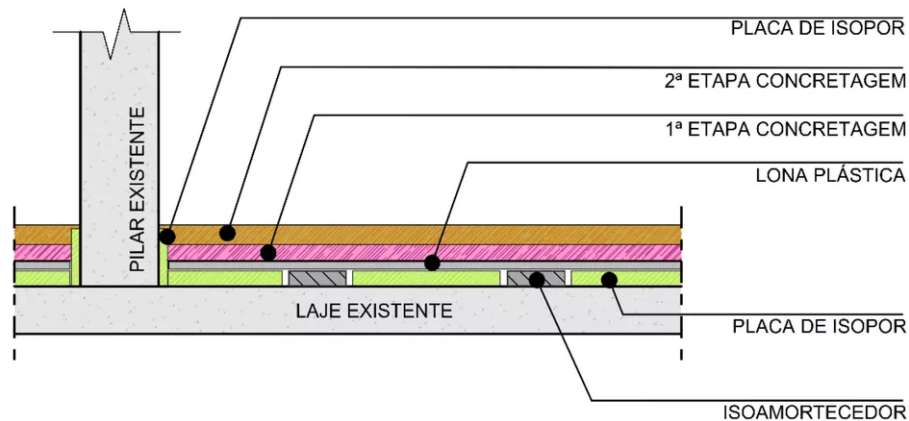
1.6.4 Audição

Pallasmaa (2011. Pg. 46-47) diz que, o som é onidirecional, facilitando que a audição crie uma experiência da interioridade. Tratando de edifícios e da arquitetura, ressalta-se que os mesmos não reagem ao nosso olhar, mas facilitam o retorno do som aos nossos ouvidos.

É através da audição que os espaços são estruturados e tornam-se articulados. Em seu texto, Abbud (2006, pg. 17) diz que tudo é som nos jardins, a audição faz conhecer o murmúrio das águas, o farfalhar das folhas, o sacudir dos ramos ao vento, o ruído do caminhar sobre pedriscos e o canto dos pássaros. O som tem grande influência na

experiência espacial, um exemplo claro é a remoção da trilha sonora de um filme, os espaços vivenciados perdem sua plasticidade e o senso de continuidade e vida.

Imagem: Isolamento acústica



Fonte: G1 Globo

Portanto, em uma obra de arquitetura, o som se manifesta pelo entorno a qual a obra se insere, pelas condicionantes de vento, pelo barulho do meio urbano, pelos jardins e folhagens, a água pode ser um dos elementos mais benéficos em questões sonoras de uma edificação, podendo passar calma e aconchego. Outro fator sonoro é o ambiente vivenciado e o tipo de uso do espaço, na arquitetura encontramos espaços que vão desde uma estação super agitada, até uma biblioteca, onde é possível escutar o folhar dos livros. O som desagradável é considerado ruído, portanto o arquiteto ao projetar deve estar atento aos efeitos sonoros do local de implantação para poder adequar seu projeto com conforto acústico. (ABBUD, 2006, pg.17)

1.7 CONFORTO AMBIENTAL

Para discutir este conceito, estão dispostas, a seguir, as ideias de conforto de acordo com alguns teóricos da arquitetura. O conteúdo divide-se em etapas, primeiramente tratando dos conceitos de conforto ambiental em si e, em seguida, dos seus diversos assuntos.

Compreende-se o Conforto Ambiental como o conjunto de condições ambientais que propiciam ao homem seu bem estar térmico, acústico, visual e antropométrico, bom como a garantia de qualidade do ar e seu conforto olfativo. (LAMBERTS et al. 2014)

Atualmente, a arquitetura Bioclimática tem sido um assunto muito discutido por profissionais da construção civil. Sua aplicação nas edificações almeja a melhoria das condições de conforto sem a necessidade do uso de equipamentos elétricos.

A Arquitetura bioclimática, uma etapa atual do movimento climático-energético, é uma forma de desenho lógico que reconhece a persistência do existente, é culturalmente adequada ao lugar e aos materiais locais e utiliza a própria concepção arquitetônica como mediadora entre o homem e o meio. (ROMERO, 2007, p.28)

Embora a definição de Arquitetura bioclimática seja ampla, o termo relaciona-se tanto à arquitetura integrada - que trata-se da adaptação ao ambiente físico, socioeconômico e cultural, utilizando materiais próprios da região e técnicas tradicionais que auxiliam na integração visual e diminuem o impacto ambiental -, quanto à arquitetura de alta eficiência energética, que visa a economia da energia por meio de sua captação, produção e/ou transformação no interior das construções, contribuindo para a redução do consumo energético e a suposta poluição ambiental. (CORRÊA, 2001)

Correa (2001) afirma que o Brasil é um país rico em recursos naturais, mas suas potencialidades não são devidamente aproveitadas. Além do mais, soma-se a isso o fato de que a maioria da população não tem condições financeiras de incorporar sistemas de calefação ou de ar condicionado em suas habitações. Por isso, cabe aos arquitetos, a função de adotar sistemas e estratégias aliadas a escolha correta de materiais que, irão proporcionar à população maior conforto ambiental com maior economia.

É importante compreender que, adequar a arquitetura ao clima de um determinado local, significa construir espaços que ofereçam ao homem as condições de conforto, visando tanto amenizar as sensações de desconforto impostas por climas muito rígidos, tais como os de excessivos calor, frio ou ventos, ao mesmo tempo em que propõe ambientes que sejam, no mínimo, confortáveis como os espaços ao ar livre em climas amenos. (FROTA; SCHIFFER, 2001)

Segundo Kowaltowski (2001), o conforto ambiental possui relação com o ambiente físico, as características do local e a arquitetura da edificação. Ao implantar as edificações nos lotes e definir o uso dos espaços, é necessário analisar as condições naturais do terreno a fim de obter um melhor aproveitamento da ventilação, iluminação e insolação adequada. Sendo assim, as características físicas determinarão a posição do centro cultural no lote, visando sempre o bem-estar aliado ao conforto térmico, lumínico, ventilação natural, acústica e visual.

A reflexão sobre o conforto ambiental, propicia também a discussão sobre as percepções e os sentimentos evocados no indivíduo a partir da arquitetura. A seguir, veremos quais são estes elementos.

1.7.1 Conforto térmico e lumínico

De acordo com Lamberts, Dutra e Pereira (2004), o conforto térmico é a satisfação do homem com o ambiente térmico em que ele está inserido. A insatisfação pode ser causada pela sensação de desconforto, pelo calor ou pelo frio. O homem utiliza de meios que possam ajudar a determinar as condições de conforto térmico, como: curvar o corpo, esfregar as mãos, vestimentas, atividades físicas, construção de abrigos, entre outros.

Segundo o Manual de Conforto Térmico, Frota e Schiffer (2006), o calor que um determinado edifício receberá dependerá muito das características térmicas da construção e da intensidade da radiação. Um local predominantemente quente, deverá evitar a radiação solar direta a fim de prevenir muito ganho de calor e em paredes opacas, por exemplo, a radiação é menor do que em paredes transparentes.

O mesmo autor afirma que vegetações e elementos arquitetônicos podem proteger a edificação dessa radiação, porém, é necessário saber a posição do sol onde se deseja impedir que essa radiação direta ocorra. Entretanto, deve-se saber que a iluminação natural pode ter relação com ganhos térmicos de calor, por isso, uma ótima opção é optar por proteções externas sem intervir a luz natural.

1.7.2 Ventilação natural:

De acordo com Lamberts (2014), o vento é desejado no verão e indesejado no inverno. O vento pode ser diferente dependendo de cada local, podendo ser influenciado pela topografia, edificações, vegetação e as diversas configurações volumétricas podem alterar a direção e intensidade.

O mesmo autor afirma que a vegetação pode controlar a ventilação natural, além de servir como barreira do vento indesejável, reduzindo perdas de calor do ambiente por infiltração.

Uma opção de ventilação natural é a ventilação vertical, onde ocorre a retirada do ar quente através de aberturas em níveis diferentes. O ar quente se acumula nas partes mais elevadas do interior da edificação, onde ele sai pelas aberturas mais altas e o ar frio entra nas aberturas mais baixas.

Uma ótima opção é a ventilação cruzada, as aberturas são posicionadas em paredes diferentes, promovendo a circulação no local. Assim, a seguir, encontram-se os conceitos das percepções humanas na arquitetura para alguns teóricos.

1.7.3 Conforto visual

A base de um conforto visual é a determinação da necessidade de iluminação em um edifício. Para um melhor aproveitamento e realização de tarefas visuais, é necessário ter um direcionamento adequado da iluminação, intensidade de luz suficiente, boa definição de cores e ausência de ofuscamento. Pode-se dizer que é de suma importância a escolha de lâmpadas que reproduzam adequadamente as cores utilizadas no local e priorizar lâmpadas e luminárias que evitem o ofuscamento direto ou indireto, visando sempre que a luz natural é a luz mais confortável para os nossos olhos (LAMBERTS, DUTRA E PEREIRA. 2004).

A fim de obter resultados eficientes é necessário definir quais tarefas serão realizadas em um determinado local e determinar as influências da luz na habilidade das pessoas ao executar uma tarefa. O conforto visual pode ser definido quando o ser humano realiza suas tarefas sem esforços, com precisão, qualidade e sem riscos de acidente ou que afetem a visão. (LAMBERTS, DUTRA E PEREIRA 2004)

Pode-se dizer que, quanto mais complicada a tarefa a ser desenvolvida em tal ambiente for, quanto mais idade a pessoa tiver, maior deverá ser o nível de iluminação do local. A iluminação inadequada pode causar fadiga, dores de cabeça e irritabilidade, além dos riscos de erros e acidentes. (LAMBERTS, DUTRA E PEREIRA. 2004)

1.7.4 Conforto acústico

Segundo Blower e Azevedo (2008), o conforto acústico pode acarretar possíveis interferências dos ruídos e da poluição sonora sobre a saúde dos seres humanos. O som produzido em um ambiente da edificação não permanece somente nele, mas se reproduz por vias diretas e indiretas resultando em ruídos aos outros usuários da edificação.

Neufert (2013), afirma que o isolamento acústico é a intenção de diminuir a propagação de som entre a fonte e o ouvinte. Quando os dois estão em ambientes separados, utiliza-se o isolamento acústico e se estão no mesmo local, é utilizada a absorção, que agirá sobre o som refletido, sem influenciar no som quando atingir o ouvinte.

De acordo com Silva (2002), as vegetações podem ser elementos utilizados a fim de obter isolamento acústico. Pode-se optar ainda por paredes mais rígidas e pesadas que isolam melhor o som, como o uso de paredes formadas por painéis afastados um do outro. O vazio formado pelos painéis, chamados de “colchões de ar” dificulta a passagem do som e podem ser preenchidos com materiais isolantes, como a lã de vidro, por exemplo.

1.8 COMO A ARQUITETURA SENSORIAL INFLUENCIA NA ARQUITETURA

Segundo a ASHRAE, o conforto é um estado de espírito que reflete a satisfação com o ambiente térmico que envolve a pessoa.

O homem é um ser homeotérmico, ou seja, a temperatura interna do corpo tende a permanecer constante, independentemente das condições climáticas. O calor interno do corpo, é gerado através do uso do oxigênio que promove a queima das calorias existentes nos alimentos e as transformando em energia. Entretanto, sempre existem trocas térmicas entre o corpo humano e o meio onde se encontra. (LAMBERTS, DUTRA E PEREIRA. 2004)

Através de instrumentos, pode-se extrair valores como da temperatura do ar, temperaturas radiantes, umidade relativa e velocidade do ar. Além destas variáveis ambientais, também temos as atividades físicas e vestimentas que influenciam na sensação de conforto do homem. (LAMBERTS, DUTRA E PEREIRA. 2004)

2. DIRETRIZES PROJETUAIS

O projeto do centro cultural e de lazer de Cascavel se baseou na diversidade de usos e cursos de diversas áreas artísticas, e também um espaço de convivência e socialização, no qual as pessoas frequentam para seus hobbies, desse modo estimulando o convívio e o desenvolvimento das artes locais.

Em busca da socialização, um dos aspectos principais, foram propostos espaços de encontro que favoreçam a integração entre os frequentadores do local, através de uma área de convívio central a qual tem conexão com todo o edifício.

Seguindo o princípio desse conceito, foi se estabelecendo a forma do edifício, seguidos pelas demandas espaciais, ideias, normativas e de conforto ambiental, para de manter as relações entre o edifício e o contexto da cidade.

Optou-se por um gabarito baixo, que não fique exagerado no alcance visual dos usuários e integre o edifício com a cidade e o solo onde está inserido.

Inicialmente foram divididos os setores e logo seguido atenciosamente as questões de conforto ambiental, ventilação e insolação natural.

O zoneamento considerou a necessidade que cada setor tem de se relacionar com os acessos e os demais setores. Outro fator importante levado em consideração foi a posição do terreno em relação ao norte, ficando os principais ambientes de permanência prolongada o mais distante possível da porção oeste e passíveis de receber a ventilação natural predominante vinda do leste.

Sua fachada principal, voltada para o sul, foi escolhida por ter a melhor facilidade de acesso de acordo com os sentidos das vias, pois quem vem da direção central teria a melhor visualização do edifício, planejada também de forma a manter a comunicação existente entre o interior e o exterior, já sua fachada secundária, voltada para o norte, também teria seu acesso favorecido. Seu acesso de serviço se encontra na lateral sentido leste, pelo fator da disposição dos setores do edifício.

A contemporaneidade da fachada de vidro, além de trazer luminosidade ao edifício, traz a transparência e a capacidade de se comunicar, interagir e adaptar ao meio em que está inserido.

Nas fachadas de vidro que recebem maior incidência solar, será necessário a aplicação de elementos arquitetônicos para reduzir os raios solares sem interferir na iluminação natural, inspirados nas árvores, com sua estrutura em metal e madeira.

3. CORRELATOS

Central Metropark / KPF

A estrutura original do projeto utiliza uma coluna assimétrica em forma de árvore que sustenta o 4º nível que se estende, proporcionando um elemento característico na obra. Um buraco retangular é cortado no centro do piso suspenso, permitindo a entrada de luz na praça central.

A paisagem piramidal que se forma distingue o local e ajuda a criar uma presença mais dinâmica para o edifício.

Imagem: Central Metropark



Fonte: ArchDaily

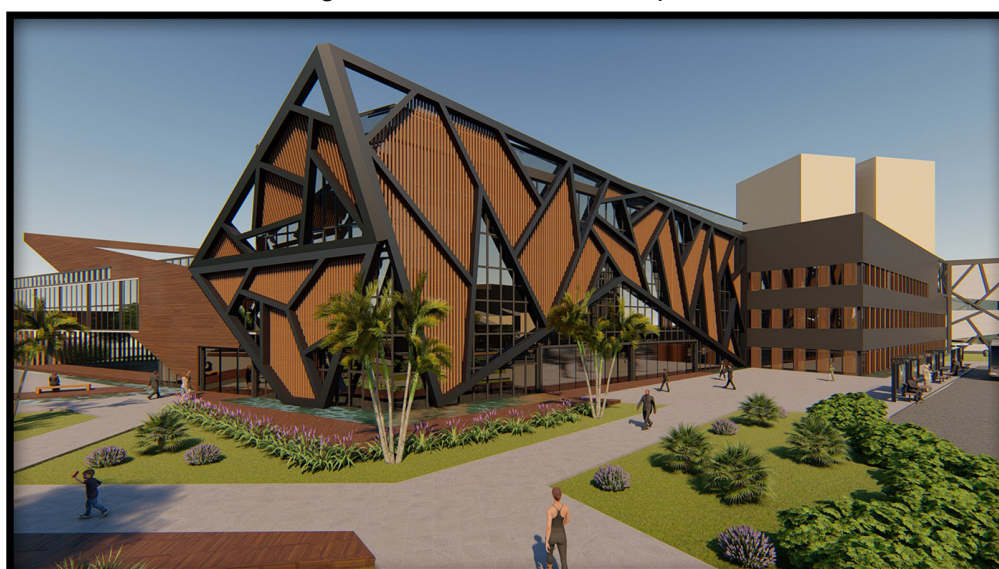
Imagem: Central Metropark



Fonte: ArchDaily

Centro Cultural e Esportivo Paulo Paifer

Imagem: Centro Cultural e Esportivo



Fonte: Behance

Imagem: Centro Cultural e Esportivo

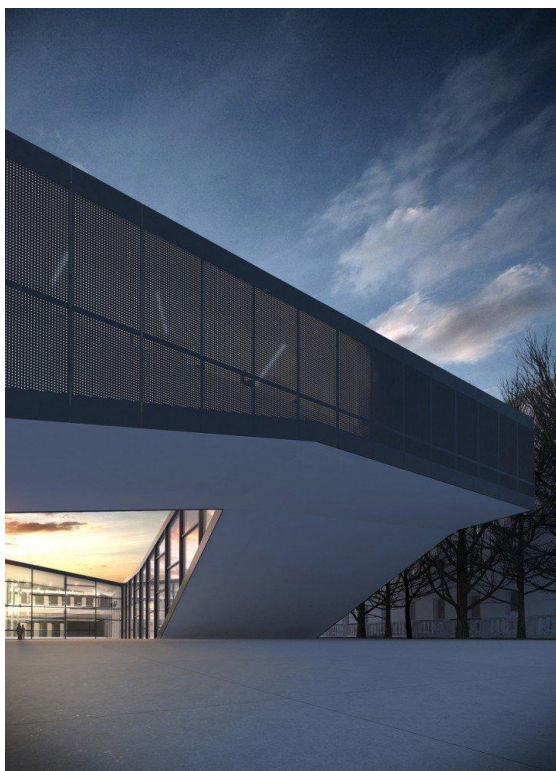


Fonte: Behance

Centro Cultural Bairro / Mikolai Adamus

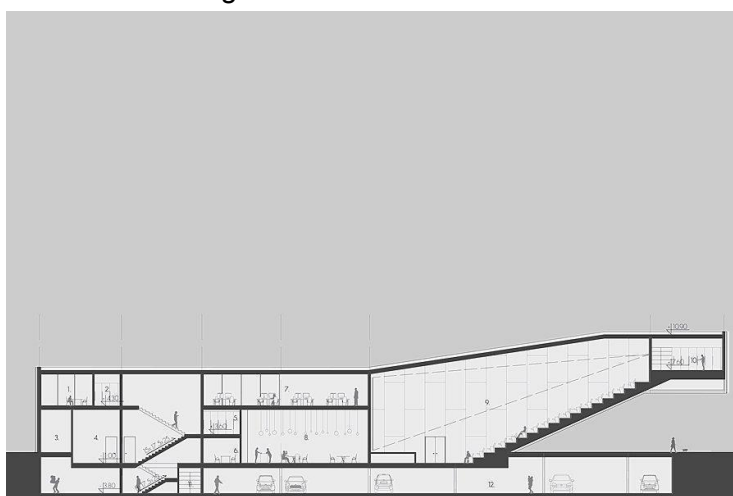
A ideia principal do projeto é complementar a praça vazia existente com o tecido do bairro que circunda o terreno, dando-lhe uma expressão mais intimista e ao mesmo tempo aberta.

Imagem: Centro Cultural Bairro



Fonte: ArchDaily

Imagem: Centro Cultural Bairro



Fonte: ArchDaily

4 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Através do estudo realizado, conclui-se que a percepção e os sentidos podem engrandecer os projetos de arquitetura, uma vez que bem estudados podem interferir nos estados de espírito de seus usuários, provocar inúmeras reações psicológicas, gerar efeitos positivos, negativos, podem induzir pensamentos, até mesmo contestar nossa experiência

no mundo e o significado das coisas. A arquitetura é capaz de explorar simultaneamente todos os sentidos humanos, para que enquanto indivíduos tenhamos conhecimento do que nos rodeia. O homem através do edifício vive a sensação de realidade, de existência e de identidade pessoal, através da arquitetura podemos habitar mundos criados pelo próprio homem. Ao perceber o espaço descobrimos que a arquitetura nos mostra o invisível, além da visão, podemos ouvi-lo, é possível sentir e até mesmo cheirar.

Através dos cinco sentidos captamos as moléculas e materiais sensoriais presentes no espaço. O nosso corpo é responsável por receber e interpretar os estímulos e a arquitetura proporciona isso, esse processo de percepção e sensação se manifesta de diferentes formas nos mais diversos indivíduos. A arquitetura ao se relacionar com os sentidos humanos, revela a necessidade de recriar e de descobrir o modo ideal de abrigar o ser humano na totalidade dos seus sentidos.

O arquiteto deve projetar espaços capazes de oferecer experiências interativas entre todos os sentidos do homem, através da escolha dos materiais e a sua relação com o lugar de implantação. O uso das cores e da luz, podem refletir no humor das pessoas que usam um determinado ambiente, influenciando seus estados de espírito. A essência do cheiro, da luz, do toque, da visão e do som são elementos cruciais a serem explorados nos projetos de arquitetura, tornando possível unir não só uma época, mas um pensamento artístico acerca da arquitetura, além de proporcionar bem-estar a todos os usuários, com diferentes refúgios e ambientes vivenciados. Portanto, a manifestação multissensorial, é benéfica às pessoas que utilizam os espaços arquitetônicos.

5 REFERÊNCIAS:

ABBUD, Benedito – Criando Paisagens: Guia de Trabalho em Arquitetura 4ª edição. São Paulo – SP: Editora SENAC, 2006.

BITTENCOURT, M.C. estudos de percursos acessíveis aos portadores de necessidades especiais em espaços abertos na cidade de Maringá. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2002.

BLOWER, Hélide Cristina Steenhagen; AZEVEDO, Giselle Arteiro Nielsen. A Influência do Conforto Ambiental na Concepção da Unidade de Educação Infantil: Uma Visão Multidisciplinar. Disponível em: <https://www.usp.br/nutau/CD/137.pdf> Acesso em: 23 de fevereiro de 2022.

BRUAND, Yves. Arquitetura contemporânea no Brasil. 5ª edição, São Paulo, Perspectiva, 2010.

CAMBIAGHI, Silvana. Desenho Universal: métodos e técnicas para arquitetos e urbanistas. 3 ed. São Paulo: Senac São Paulo, 2012.

COELHO, Teixeira. Dicionário Crítico de Política Cultural. 1 ed. São Paulo: Iluminuras, 1997. MILANESI, Luís. A casa da Invenção: Biblioteca Centro de Cultura. 3 ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 1997.

COLIN, Silvio. Uma Introdução à Arquitetura. Rio de Janeiro: Editora UAPÊ, 2000.

COSTA, Leandra. L. L. A luz como modeladora do espaço na Arquitetura. Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura (ciclo de estudos integrado). Covilhã, 2013. Disponível em: . Acesso em: 05 de abril de 2022.

FARINA, Modesto. Psicodinâmica das cores em comunicação. São Paulo: Edgard Blücher, 2006.

FROTA, Anésia Barros; SCHIFFER, Sueli Ramos. Manual de Conforto Térmico. 5 ed. São Paulo: Studio Nobel, 2001)

GAMBOIAS, Hugo F.D. Architectura com sentido(s) Os sentidos como modo de viver a arquitetura. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Disponível em: <<https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/24409>>. Acesso em: 09 de abril de 2022.

GOMES, A. M. R.; FARIA, E. L. Lazer e diversidade cultural. Brasília: SESI/DN, 2005. HALL, S. et al. (Org.). Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

GOMES, Christianne Luce. Estudos do Lazer e geopolítica do conhecimento. Revista Licere. Belo Horizonte, v.14, n.3, p.1-25, set./2011. Disponível em: <<http://www.anima.eefd.ufrr.br/licere/sumario.html?ed=29>> Acesso em: 27 de março de 2022.

GUARDADO, Mariana. M. Steven Holl. A poética do concreto. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Disponível em: . Acesso em: 5 de abril de 2022.

GURGEL, Miriam. Projetando espaços: guia da arquitetura de interiores para áreas comerciais. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2005.

LAMBERTS, Roberto. Desempenho Térmico de edificações Ventilação Natural. Disponível em: http://www.labee.ufsc.br/sites/default/files/disciplinas/Aula%20-Ventilacao_Natural_0.pdf Acesso em: 23 de fevereiro de 2022.

LAMBERTS, Roberto; DUTRA, Luciano; PEREIRA, Fernando. Eficiência Energética na Arquitetura. Disponível em: <http://www.mme.gov.br/documents/10584/1985241/Livro%20-%20Efici%C3%Aancia%20Energ%C3%A9tica%20na%20Arquitetura.pdf> Acesso em: 23 de fevereiro de 2022.

LOURENÇO, Maria M. F. Architectura Sensorial: O tato para a fruição do espaço arquitectónico. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Disponível em: <<https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/36951>>. Acesso em: 14 de março de 2022.
LAKATOS, Eva Maria. Metodologia do Trabalho Científico. São Paulo: Editora Atlas S.A. 1992. 214 p.

NEUFERT, Ernst. Neufert: Arte de projetar em Arquitetura. 18. ed. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

NEVES, Renata Ribeiro. Centro Cultural: a Cultura à Promoção da Arquitetura. IPOG - Revista Especialize On-line, Goiânia, v.1, n.5, jul. 2013.

PAIVA, Patrícia Duarte de Oliveira. Paisagismo: Conceitos e Aplicações. 1º ed, UFLA, 2008.

PALLASMAA, Juhani. Os olhos da pele: A arquitetura e os sentidos. Porto Alegre, Bookman, 2011.

RASMUSSEN, S. E. Arquitetura vivenciada. Tradução: Álvaro Cabral. Martins Fontes: São Paulo, 2002.

ROMERO, Marta Adriana Bustos. A arquitetura bioclimática do espaço público. 1 ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007.

SANCHÉZ, Fernanda. A reinvenção das cidades para um mercado mundial. 2 ed. Chapecó: Argos, Editora Universitária, 2010.

SANTOS, José Luiz dos. O que é cultura. 16 ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.

SCHMID, Aloísio Leoni. A ideia de conforto. Reflexões sobre o ambiente construído. Coleção Pesquisa, Curitiba, Pacto Ambiental, 2005.

SILVA, M.J.V. LOPES, P.W.; XAVIER, S.H.V. Acesso a Lazer nas Cidades do Interior: um Olhar Sobre Projeto CINE Sesi Cultural. VI Seminário 2009 ANPTUR. São Paulo/SP, 2009

SILVA, Pérides. Acústica Arquitetônica e Condicionamento de Ar. 4. ed. Belo Horizonte: Edital E. T. Ltda, 2002.

